

Tancredo Neves condena medidas recessivas

"O novo pacote econômico anunciado pelo governo vem agravar consideravelmente a condição de vida da população brasileira, pois corta o subsídio, aumenta o custo de vida e isso significa inflação, que repercute no INPC e sobre os salários do trabalhador".

A declaração é do governador Tancredo Neves, em entrevista, ao abordar as novas medidas econômicas do governo. Segundo ele, enquanto permanecer este círculo vicioso, não será encontrada a solução para "a grave crise econômica e financeira que sacode o Brasil, uma vez que isso significa alimentar a espiral inflacionária".

No dia 2, no entanto, durante entrevista concedida no "Mineirão" aonde fora assistir à missa de Corpus Christi, o governador mineiro manifestou-se favorável à aplicação das medidas econômicas anunciamadas pelo governo.

Na ocasião, ele disse ser a favor do corte dos subsídios aos derivados do petróleo ou do trigo, caracterizando-os como elementos do artificialismo econômico: "Temos de corrigir a supressão dos subsídios por uma política de preços mais realista e consentânea com a verdade econômica do País" — disse então Tancredo Neves, segundo a Agência Globo.

Ele disse ontem que as exigências do FMI, de que o País facilite a entrada de investimentos estrangeiros, resultariam em uma política extremamente perigosa, "porque havendo desativação das empresas na recessão, elas ficam com muito pouca resistência econômica para negociar os seus ativos e, em dificuldades, a quaisquer propostas seriam obrigadas a entregar seu parque industrial".

PAULINELLI

Os alimentos terão um aumento entre 20 e 25% acima da inflação, com a redução dos subsídios agrícolas, a partir da elevação das taxas de juros no crédito rural. A previsão foi feita em Brasília pelo ex-ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, que, pela primeira vez, desde que deixou o governo, dá uma entrevista à imprensa.

"O agricultor terá de repassar para o consumidor a elevação dos custos financeiros do empreendimento. Caso contrário, ele aumentará o seu nível de descapitalização, que hoje está em 50% abaixo de sua remuneração", afirmou o ex-ministro.